

MIGUEL SOUSA TAVARES

Madrugada Suja

Romance



Copyright © 2013 by Miguel Sousa Tavares
Todos os direitos reservados, incluindo os direitos de reprodução
do todo ou de partes, sob qualquer forma.

O autor optou por manter a grafia do português de Portugal.

Capa

Victor Burton

Foto de capa

<completar>

Revisão

Huendel Viana

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Tavares, Miguel Sousa
Madrugada suja / Miguel Sousa Tavares.. — São Paulo : Com-
panhia das Letras, 2013.

ISBN 978-85-359-2325-4

1. Romance português I. Título.

13-08823

CDD-869.3

Índice para catálogo sistemático:

1. Romances : Literatura portuguesa 869.3

[2013]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.companhidasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

Capítulo 1

MADRUGADA

As vezes, quando estava quase a fechar os olhos para dormir, voltavam as imagens daquela noite e a mesma dúvida de sempre: teria sido real ou um pesadelo? Depois, a contragosto, era forçado a aceitar que tudo se passara exactamente como se lembrava e exactamente como o vivera. Não há forma de escapar ao que está feito. Todavia, não há dúvida de que o ser humano é extraordinário na sua capacidade de adaptação a tudo, até mesmo à própria canalhice. Pois ele sobrevivera e seguira em frente, por vezes atormentado pelos remorsos e pela culpa, mas a maior parte das vezes fazendo por esquecer — e conseguindo-o. Ocasionalmente, assaltava-o a tentação de apaziguar a sua consciência, de voltar atrás, contar tudo a alguém e enfrentar as consequências. Mas seguira sempre em frente, pensando que nada ganharia em destruir também a sua vida.

Não é grande desculpa que tivesse só vinte anos ou que já estivesse bêbado às três da manhã, na festa da Queima das Fitas da Universidade de Évora. Percebera que estava bêbado quando chocara de ombros violentamente contra

um tipo, à saída da casa de banho dos homens. O outro fez um ar irritado e comentou:

— Ó miúdo, tu não estás em grande estado! Fazias melhor em ir para casa.

Resmungou um palavrão e foi só quando se afastava que o reconheceu: era o seu professor de estruturas II, um tipo chato e arrastado, que parecia sempre de mal com o mundo. E, infelizmente, logo percebeu que também ele o tinha reconhecido. “Que se lixe”, pensou para consigo, “não tem nada que vir às festas dos alunos!” Mas a verdade é que não se estava a sentir nada bem, começava a ver turvo e a ter dificuldades em segurar a cabeça direita, quando ela parecia só querer andar à roda. Resolveu sair para apanhar ar — e foi o pior que fez.

Cá fora, sentado nas escadarias do edifício principal da Universidade, o ar frio da noite devolveu-lhe alguma lucidez ao cérebro, estratificado em cervejas, aguardentes rascas e qualquer coisa indefinível que lhe tinham dado para fumar e que ele fumara sem perguntar o que era. Tirou um cigarro do bolso e tentou acendê-lo, mas as mãos tremiam-lhe e não conseguia acertar com o isqueiro na ponta do cigarro.

— Toma.

Uma rapariga viera sentar-se ao seu lado, sem que tivesse dado por isso, e estendia-lhe a chama um pouco mais firme do isqueiro dela.

Inspirou profundamente uma baforada e encostou-se para trás, contra um degrau de mármore gélido.

— Obrigado.

— Estás bêbado?

— Acho que sim.

— Grande festa, hem?

A custo rodou a cabeça em direcção a ela. Era uma miúda, novíssima, não devia ter mais do que dezesseis anos, daquelas que se infiltram nas festas da Queima das Fitas, para fingirem que já andam na universidade. Mas olhou melhor e reparou que era alta, com uma minissaia que lhe deixava a descoberto umas pernas morenas compridas, uns olhos escuros muito bonitos que sobressaíam numa cara jovial e feliz, e um longo cabelo escuro e sedoso, que descia para além dos ombros. Fez um esforço para espreitar e tentar ver alguma coisa para dentro da camisa aberta até ao terceiro botão, mas não viu nada que sobressaísse particularmente. “Nova demais para ter mamas”, pensou. “Uma miúda de liceu a brincar às grandes.” Voltou a olhar em frente e prosseguiu com o seu cigarro.

— Eu também acho que estou bêbada.

Não disse nada, nem sequer olhou para ela outra vez. Mas ela insistiu:

— Como te chamas?

Suspirou. “Que saco!”

Resolveu inventar um nome:

— Alexandre.

— Alexandre... o Grande?

— Que engraçadinha! Sim, Grande, Enorme. Queres vê-lo?

— Só se me deres um beijo na boca, primeiro.

Virou-se para ela, pela primeira vez com alguma curiosidade.

— Agora?

— Sim, agora.

Ela puxou-lhe suavemente a cabeça de encontro à sua, fechou os olhos e, sem hesitar, mergulhou a língua dentro da boca dele. Não o fez com voracidade, mas entregando-se-lhe de tal forma que ele, apesar da nuvem em que se sentia a flutuar, ficou comovido e retribuiu o melhor que conseguiu. Depois de um imenso e molhado beijo, depois de as suas línguas se terem tão rapidamente tornado íntimas, ele afastou-lhe a cabeça para a olhar melhor e perguntou:

— E tu, como te chamas?

— Eva.

— Eva... Évora... A Evita de Évora...

— Não sou de Évora. Sou do Algarve.

— Ah!

Podia ter ficado ali o resto da noite, até podia ter adormecido ali, ao lado da sua Evita, pois não sabia muito bem o que fazer a seguir e nem sequer estava certo de se lembrar do caminho de volta para a sua residência de estudante, o seu quarto alugado, encostado à humidade da muralha da cidade. Mas antes que pudesse gastar muito tempo a pensar no assunto, uma voz soou nas suas costas:

— É pá, que fazes tu aí sentado, com essa miúda fugida da escola?

Era um colega de faculdade com quem não simpatizava particularmente.

— Esta é a Eva, este é o João Diogo — respondeu ele, fazendo as apresentações com um gesto desajeitado dos braços abertos em ambas as direcções.

— Olá, João — disse ela, com uma voz um pouco rouca, que parecia vir de dentro, do íntimo do seu corpo magro.

João acenou com a cabeça e ia começar a sentar-se também ao lado deles, mas logo se endireitou ao ver alguém passar.

— Zé Maria, espera aí! Onde vais?

O interpelado Zé Maria deteve-se a meio das escadas. Era um tipo com um ar de rufia, tatuagens e pulseiras nos braços até aos pulsos, um dente estragado à frente, agitando umas chaves de carro na mão.

— Vou-me embora: isto já deu o que tinha a dar.

— E vais-te deitar? — insistiu João.

— Vou só dar uma passagem ali no bar das bombas da Shell, a ver o que pinta por lá. Queres vir?

— Embora aí!

E voltando-se para trás, perguntou ao par sentado nas escadas:

— E vocês, querem vir também?

— Eu, por mim, vou — respondeu Eva, começando a erguer-se.

— Eles podem vir também? — perguntou João ao Zé Maria.

— O.k., venham! Quem são eles?

— Este é o meu colega... — começou João.

— Alexandre.

João piscou-lhe o olho, sorrindo:

— Pois, Alexandre. E esta é a... a...

— Eva — anunciou a própria.

Partiram no Opel Corsa de Zé Maria, com faróis extra, bancos desportivos, volante em pele. Ele guiava como

um tresloucado, os pneus chiando em cada guinada do volante e o carro atravessado, transformando em rectas todas as linhas curvas. No banco de trás, entre a inconsciência do álcool e o medo, Eva encostara-se instintivamente ao recém-conhecido Alexandre, como se uma antiga intimidade os aproximasse perante o perigo. Mas lá chegaram ao bar, sãos e salvos, e logo os três — Zé Maria, João e Eva — continuaram a encharcar-se em cervejas e whiskies, enquanto ele se tentava defender, fingindo beber mais do que bebia. E, entre copos e diálogos sem sentido gritados ao ouvido, todos dançaram à vez com Eva e com uma amiga dela que apareceu, vinda de lado nenhum, e em estado de decomposição tão adiantado quanto o de todos eles. Uma hora depois, a noite estava acabada e resolveram sair, abandonando a amiga de Eva, entretida numa conversa de bêbados com um rapaz das bombas da Shell acabado de sair do serviço.

— Bem, como é que fazemos? — perguntou João Diogo a Zé Maria. — Dás-nos boleia até ao centro?

— Dou... mas podíamos acabar a noite em grande. Vocês conhecem o Cromeleque dos Almendres?

— Os quê? — perguntou Eva, cambaleando, apoiada ao ombro do seu Alexandre, o Grande.

— O Cromeleque dos Almendres — explicou João. — Uns menires pré-históricos, no meio do descampado, aqui à saída da cidade.

— Tu conheces? — perguntou ela a Alexandre.

— Não, mas já ouvi falar: parece que era uma espécie de altar, de templo, dedicado aos deuses pelos pré-históricos. Dizem que é muito impressionante.

— Então não é? Vale a pena ver e hoje está quase lua cheia. Embora aí? — propôs Zé Maria.

— Embora! — disse João, antes que os outros hesitassem.

— Guia tu — disse Zé Maria a Alexandre, estendendo-lhe as chaves do carro. — Acho que estou bêbado demais.

O luar desenhava jogos de luz e sombras entre os menires plantados na terra e erguidos ao céu, como farol gigantesco, de três ou quatro metros de altura. Dezenas deles, dispostos ladeira abaixo, sem ordem aparente. A Natureza não poderia ter feito aquilo: só homens — obstinados, tementes a deuses que, manifestamente, os aterrorizavam. Eles tinham desligado os faróis do carro e estavam encostados ao capot, contemplando aquele estranho jogo de peças gigantesco, cujo mistério jamais fora decifrado. Como se tal decorresse naturalmente do lugar e das circunstâncias, e sem nada dizer, Zé Maria puxou Eva para si e começou a beijá-la na boca, ao mesmo tempo que lhe abria a blusa de algodão e expunha ao luar o seu peito pequenino, de adolescente. Puxou-a bem de encontro ao seu corpo e ela não fez nenhum movimento visível para se resguardar. Depois passou-a a João, a seu lado, e também ele começou a beijá-la na boca, enquanto lhe descia a saia e a fazia escorregar pelas pernas abaixo. Ela gemeu qualquer coisa, que o recém-baptizado Alexandre não conseguiu perceber se era sofrimento ou prazer, porque logo a seguir tinha-a encostada a si, apalpando o corpo nu dela, sentindo a maciez da sua pele e, mesmo através da nuvem alcoólica em que vegetava, reconheceu a sua

língua quente e generosa, tal como a conhecera pouco antes nas escadarias da Universidade.

— Tira-o para fora, que ela quer chupar-to! — disse o Zé Maria, com uma voz rouca, possuída de demência.

— Não! — disse ele, mas ela já se ajoelhara nua a seus pés, correra-lhe o fecho das calças e tinha-o agora dentro da boca.

— Não! — voltou ele a dizer, agarrando-a pelos cabelos e puxando-lhe a cabeça para trás. — Tu estás bêbada!

— Olha o menino a fazer cerimónia! Pega neste, aproveita quem te quer! — disse João, exibindo-lhe à frente da cara o seu membro erecto.

Ela pareceu hesitar, pela primeira vez pareceu assustada, mas não teve tempo de reagir: João tirou-a de Alexandre, virou-lhe a cabeça para o lado e enfiou-lhe a boca entre as pernas.

Encostado ao capot ainda quente do Opel Corsa, de olhos semicerrados ou semiobscurecidos pelo álcool e pela noite de luz e sombras, incapaz de se situar entre a consciência e o pesadelo, o falso Alexandre assistiu, sem se mover e nada dizer, aos movimentos compulsivos com que o seu amigo João a obrigou a engoli-lo até ao fim, até se encostar também contra o carro, soltando depois um urro de prazer, de animal, de besta saciada, derramado sobre a cara e o incipiente peito adolescente da miúda Eva, como se de uma dádiva aos deuses se tratasse. E viu depois como a mesma cena se repetiu com o boçal do Zé Maria, com as suas pulseiras e tatuagens, de pernas abertas plantadas à frente da cara dela, sem sequer a olhar, não fosse ela digna de tanto, para no fim se afastar, ambos

cambaleantes, e Eva, de olhar oblíquo, perdido, apagado numa humidade viscosa que lhe manchava o rosto quase infantil, a tentar erguer-se do chão num derradeiro esforço de ser humano, e logo, três passos adiante, cair outra vez de joelhos e, em frente aos menires, à lua crescente e às luzes distantes de Évora, desatar a vomitar, corpo e alma, como se vomitasse por todos eles uma noite inteira. E, depois disso, ouviram-na, agora sim, sem margem para ilusões, gritar de horror, partir a correr desesperada por entre os menires, tropeçar nas estevas e perder-se nas sombras daquela noite interminável.

— Dá-me aí um cigarro — disse Zé Maria, estendendo a mão para João e quebrando o silêncio que se instalara entre eles.

Também ele acendeu um cigarro e, sempre encostado ao capot do Corsa, aspirou o fumo e o ar frio da madrugada, vendo o manto de neblina que descia sobre os menires, ali alinhados há milénios, numa aparente ordem que não conseguia decifrar. Silhuetas escuras, paradas no meio do nevoeiro que o primeiro raio da luz da manhã ameaçava romper, como figurantes de um baile, assim terminado. Pensava em muitas coisas, rapidamente e ao mesmo tempo, e, enquanto finalmente se sentia a despertar, estava esmagado por um desejo extremo de adormecer sem fim. Acordou à voz sumida de João:

— Vá, vai buscá-la. Vamos embora daqui.

Partiu em busca dela, gritando o seu nome por entre o nevoeiro e esperando dar com ela caída ao pé de uma das colunas de pedra plantadas no chão, assim como o caçador espera descobrir a peça morta ou ferida junto ao

local onde tombara. Na penumbra branca que o envolvia, procurou-a atrás de cada menir, chamou-a em todos os tons de voz que a pudessem convencer a voltar. Mas nem sinais dela ou da sua passagem em fuga. Começou a percorrer, cambaleante, o terreno em volta, sempre chamando por ela. Um ramo de árvore rasgou-lhe a testa e sentiu-a ficar molhada: apalpou-a e, à luz da lua, percebeu que tinha a mão suja do sangue que lhe escorria da testa. Pouco depois, reparou que João e Zé Maria se tinham juntado às buscas e procuravam-na também no terreno à volta dos menires, entre as estevas e as árvores. Nada, nenhum som, nenhum indício de Eva.

— Bom, ela que fique, então! Vamos embora, nós! — declarou Zé Maria, em tom determinado.

E andaram de volta para o carro. Ele dirigiu-se para o volante, mas Zé Maria afastou-o com um gesto de impaciência.

— Agora, conduzo eu. Estou farto desta porra!

Limpou as mãos ao banco do carro, ainda fez uns sinais de luzes e buzinou três vezes, antes de ligar o motor, enquanto João gritava por ela, através da janela do banco do passageiro da frente. Estavam no meio de um descampado de terra batida e Zé Maria engatou a primeira e arrancou com força, torcendo o volante e puxando o travão de mão: o Corsa rodou sobre si próprio num pião perfeito de cento e oitenta graus e ficaram virados para o caminho de volta. Zé Maria acelerou outra vez a fundo em primeira e, quando tinha acabado de passar a segunda, um vulto emergiu da escuridão branca do nevoeiro, mesmo na frente deles.

— Cuidado! — gritou ele, do banco de trás.

Mas já não houve tempo para fazer nada: o vulto foi atingido ao nível da cintura pela dianteira do carro, arrancou do chão e veio bater violentamente contra o vidro, que logo se encheu de uma nuvem de sangue, e depois foi projectado para o lado, desaparecendo da vista. Zé Maria conseguiu travar o carro uns dez metros adiante.

— Foda-se, era ela! — murmurou João.

O motor do carro não se calara. Ele levou instintivamente a mão ao fecho da porta e começou a abri-la para sair, mas nesse mesmo instante Zé Maria voltou a arrancar a fundo, fazendo com que a porta se fechasse por si própria. Zé Maria ligou o limpa-pára-brisas e esguichou água para lavar o sangue do vidro, começando a descer a pista de terra a grande velocidade. Torcido no banco de trás, ele levou uns instantes para se conseguir endireitar e falar:

— É pá, volta para trás! Não vamos deixá-la ali, assim! Não vamos, ouviste? — gritou.

Mas Zé Maria não respondeu. Continuou a acelerar como um louco, caminho abaixo, até encontrar o alcatrão e virar à direita para Évora, num ângulo recto suicida.

— Pára, foda-se, pára! Eu vou lá!

Ele parou, cerca de dois quilómetros adiante, quase à entrada da cidade, e virou-se para trás:

— Vais lá é uma porra, é que tu vais lá! Estou farto desta merda, sabes? Estou farto desta merda em que vocês me meteram!

— Metemo-nos todos nisto e quem quis ir lá ver a porra do cromeleque foste tu! Mas isso agora não interessa: o que interessa é que não podemos abandonar a

Eva ferida, se calhar morta, num descampado onde não sabemos quando é que vão dar com ela. Não podemos!

— E quem é a Eva, pá? Há quanto tempo a conhecias? Queres dar cabo da tua vida e das nossas por causa de uma putazinha que conheceste há um par de horas?

Em desespero, ele virou-se para o João, que estivera calado todo o tempo, desde o atropelamento:

— João, ajuda-me! Vamos lá buscá-la. Diz a este gajo teu amigo que temos de voltar atrás!

João reagiu, finalmente. Suspirou fundo e respondeu:

— O Zé Maria tem razão, pá. Se formos lá e a trouxermos de volta, estamos feitos num trinta-e-um. Não vamos conseguir explicar nada que nos safe perante a Polícia. Esquece o curso, esquece tudo o resto. E, além do mais, nenhum de nós é médico, para o caso de ela estar ainda viva. E, se estiver morta, não há nada que a gente possa fazer.

— Mas nós atropelámo-la, João! Temos obrigação de a socorrer!

— Espera aí, meu palerma — interpôs-se Zé Maria. — Nós não a atropelámos: ela é que se atropelou, atirando-se praticamente para cima do carro, sem me dar tempo de ver ou fazer nada. E porque não respondeu quando a procurámos, quando a chamámos, quando buzinámos?

— Talvez se quisesse matar — deixou escapar ele, entre dentes.

— Muito dramático, isso! Mas eu não me sinto culpado de nada e não vou lá. Vai tu se quiseres, e a pé! Mas pensa bem porque nos vais foder a vida a todos.

— Ouve — João falava calmamente. — Vamos fazer outra coisa, que é aquilo que podemos fazer de melhor: vamos telefonar ao 115 e pedir que mandem lá uma ambulância com urgência.

— É isso mesmo — exclamou Zé Maria. — Até que enfim, uma ideia inteligente!

— De acordo? — perguntou João, virando-se para trás.

— Então, vá, mas liga já! — concedeu.

— O.k. — concordou João Diogo. — Ó Zé, pára aí na primeira cabine telefónica que vires.

Pararam junto a uma cabine, já dentro da cidade. Ele fez menção de sair, mas o Zé Maria voltou-se para trás, agarrando-o por um braço:

— Tu, não. Estás demasiado perturbado e ainda pioravas tudo. Deixa ir o João.

Viram-no entrar na cabine, levantar o auscultador e ficar a falar, de costas viradas para a porta. Em menos de dois minutos estava de volta.

— Então? — perguntou ele.

— Já vão a caminho.

— Que lhes disseste? — quis saber Zé Maria.

— Que tinha ido até lá com a minha namorada e vimos uma pessoa caída e ferida. Como não percebemos nada de primeiros socorros e queríamos evitar chatices, pirámo-nos e resolvemos telefonar ao 115.

— Nome falso?

— Claro.

Zé Maria deixou-o junto ao centro. João declarou que ficava para o ajudar a limpar o carro dos vestígios daquela

noite para esquecer. Ele saiu sem se despedir, mas ainda ouviu Zé Maria dizer, metendo a cabeça pela janela:

— Até mais ver! E cuidadinho com os disparates!

A caminho de casa, ouviu o silvo lúgubre de uma sirene de ambulância, que lhe pareceu seguir na direcção de onde eles tinham vindo, e pensou “Oxalá ainda cheguem a tempo!”.

Amanhecia em Évora. O sol saíra da planície e espreitava entre os muros caiados da cidade. Passou pelas ruínas romanas do Templo de Diana, as suas colunas de granito cinzento suavizadas pela luz da manhã nascente. Vinha aí um belo dia, de sol e frio, um dia perfeito para ficar à lareira a ler histórias. O café da esquina acabara de abrir portas: espreitou lá para dentro e constatou que o dono já ligara a máquina de café e havia até um cliente ao balcão. Pediu um café, uma sanduíche de presunto e uma garrafa de água e veio sentar-se cá fora, escutando os ruídos da cidade que acordava. Eva. Év... ora. A cidade branca acordava.

O dono veio trazer-lhe o café e a sanduíche e, apontando-lhe para a testa, perguntou:

— O que lhe aconteceu, amigo, algum acidente?

Só então reparou que continuava a escorrer sangue do golpe causado pelo ramo de esteva.

— Ah, não foi nada de grave: um ramo de árvore que estava no sítio errado...

E sorriu, tentando acreditar que nada de grave se tinha mesmo passado.